

REINCIDÊNCIA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: PERCEPÇÕES DAS ADOLESCENTES

Ana Rafaela Souza Rodrigues¹, Wanessa de Moraes Barros¹, Patrícia Daniele Feitosa Lopes Soares¹

Objetivo: apreender as percepções de adolescentes acerca da gestação. **Metodologia:** pesquisa de abordagem qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas a 13 adolescentes grávidas reincidentes em acompanhamento pré-natal em Unidade de Referência Materno Infantil de Belém-PA. A coleta de dados ocorreu de janeiro a março de 2015, realizando-se, após, análise de conteúdo. **Resultados:** emergiram quatro categorias: a) Percepções negativas acerca da gestação na adolescência; b) Percepções Positivas acerca da Gestação na Adolescência; c) Apoio familiar e do parceiro no contexto da gestação na adolescência; d) Acesso à orientação: a atuação do profissional de saúde. **Conclusão:** há deficiência no conhecimento sobre gravidez; necessita-se que profissionais de saúde exerçam a educação em saúde, criando novas tecnologias educativas.

Descritores: Reincidência; Gravidez na Adolescência; Percepção.

RECIDIVISM OF TEENAGE PREGNANCY: PERCEPTIONS OF ADOLESCENTES

Objective: To grasp the perceptions of teenagers about pregnancy. **Methodology:** qualitative research, through semi-structured interviews with 13 pregnant teenagers repeat prenatal care in Maternal Reference Unit Belém-PA. The collection took place from January to March 2015, the data were analyzed by content analysis. **Results:** four categories emerged: a) Negative perceptions about adolescent pregnancy; b) Positive Perceptions about Pregnancy in Adolescence; c) Family support and partner in the context of adolescent pregnancy; d) Access to orientation: the role of health professionals. **Conclusion:** there is lack of knowledge about pregnancy; It requires that h

Descriptors: Recurrence; Pregnancy in adolescence; Perception.

LA RECURRENCIA DE EMBARAZO EN ADOLESCENTS: UNA VISIÓN DE ADOLESCENTES

Objetivo: comprender las percepciones de los adolescentes sobre el embarazo. **Metodología:** investigación cualitativa, a través de entrevistas semiestructuradas con 13 adolescentes embarazadas repetir la atención prenatal en Maternal Referencia Unidad de Belém-PA. La colección se llevó a cabo de enero a marzo de 2015. Los datos fueran submetidos a la analisis de contenido. **Resultados:** surgieron cuatro categorías: a) Las percepciones negativas sobre el embarazo adolescente; b) Las percepciones positivas sobre el embarazo en la adolescencia; c) el apoyo familiar y socio en el contexto del embarazo adolescente; d) El acceso a la orientación: el papel de los profesionales de la salud. **Conclusion:** existe una falta de conocimiento sobre embarazo; Se requiere que los profesionales de la salud involucrados en la educación sanitaria, la creación de nuevas tecnologías educativas.

Descriptor: Recurrencia; Embarazo en adolescencia; Percepción.

¹Enfermeira. Universidade Federal do Pará-UFPa. E-mail: vani.moraes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido tema de destaque em diversos estudos nas últimas décadas. É nessa fase que aparecem os conflitos com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, ansiedade, insegurança, isolamento, transtornos de vínculos afetivos, entre outros.⁽¹⁾

Pelas características fisiológicas e psicológicas da adolescência, uma gravidez nessa fase apresenta um grande potencial de se tornar uma gestação de risco. As complicações associadas à experiência de gravidez na adolescência são: tentativas de abortamento, anemia, desnutrição, sobrepeso, hipertensão e depressão pós-parto.⁽²⁾

Especialistas destacam que 25% de 1,1 milhão de adolescentes parturientes de 15 a 19 anos no Brasil já possuem um filho. Constatou-se que a maioria delas diz que a sucessiva gravidez não foi um evento planejado, tornando então essa situação preocupante. A negligência quanto à contracepção é um dos principais fatores da recorrência da gravidez entre jovens; nove entre dez adolescentes têm possibilidade de engravidar novamente dentro de um ano, caso não haja utilização de algum método contraceptivo.⁽³⁾

Durante vivências acadêmicas nos hospitais de referência em atendimentos materno-infantil e Unidades Básicas de Saúde da região metropolitana de Belém-PA, observou-se quantitativo significativo de adolescentes acompanhadas em período gravídico-puerperal referente à segunda gestação ou mais. Observava-se também o expressivo quantitativo de adolescentes que não compreendiam, de forma adequada, orientações fornecidas. Tal constatação levou ao estudo da exploração dessa situação com o objetivo de apreender percepções das adolescentes acerca da gestação nessa fase da vida.

METODOLOGIA

Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa realizada em uma unidade de referência materno-infantil e adolescente, no período de janeiro a março de 2015. Foram selecionadas 13 adolescentes grávidas reincidentes, acompanhadas no pré-natal, sendo 10 na segunda gestação e 03 na terceira gestação. Suas idades variaram entre 15 e 17 anos. Tal amostra foi conseguida por conveniência segundo os critérios de

inclusão, convidando-se todas que se encontravam em pré-natal durante o período definido de pesquisa. As adolescentes selecionadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após serem informadas acerca do estudo e aceite de participação.

A coleta de dados se realizou por meio de entrevista semiestruturada, em uma Unidade de Referência Materno Infantil e Adolescente, Belém-PA. As questões norteadoras foram: Como foram suas gestações e as dificuldades sofridas por ser adolescente? Quais foram as percepções de mudança na relação com família, namorado, amigos por causa de sua gravidez inesperada? E, quando de sua reincidência? Quais foram as possíveis ajudas e cuidados com o seu bebê? Como foi o seu acompanhamento na maternidade e que orientações recebeu no momento da alta? O que lhe foi explicado sobre planejamento familiar? Qual foi a reação da família e do companheiro quando da nova gravidez? O que você planeja para o seu futuro?

As entrevistas foram gravadas em MP4 e transcritas. Para garantir o anonimato, as adolescentes foram identificadas com nomes fictícios de flores. Nesse estudo, a análise fundamentou-se na Análise de Conteúdo do tipo temática. Os depoimentos foram transcritos e, posteriormente, agrupados a partir de unidades de contexto, de onde foram retiradas unidades de registro e, em seguida, unidades de

significado que originaram as categorias de análise.

Esse estudo obedeceu aos cuidados éticos da Resolução nº 466/2012 e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, protocolado sob n. 893.038.

RESULTADOS

As percepções sobre a gestação na adolescência foram agrupadas em quatro categorias de análise, como seguem.

a) Percepções negativas acerca da gestação na adolescência

A maioria das adolescentes relatou uma percepção negativa acerca da gestação. Constatou-se ainda que o fato de engravidar novamente desagradou algumas adolescentes que, inclusive, já falavam em planos para o futuro que não incluíam uma segunda gravidez: "Desesperada, muito! Ah

“Especialistas destacam que 25% de 1,1 milhão de adolescentes parturientes de 15 a 19 anos no Brasil já possuem um filho”

porque eu tinha 14 anos; eu era nova; eu só queria saber da vida né! Então pra mim gravidez era uma coisa sei lá, lá pros 20 anos, mas infelizmente aconteceu né?” (Flor de Lis). “Foi um choque de novo, não planejei porque estava tomando remédio e engravidei” (Flor de Lis sobre a segunda gestação). “Não... fiquei assim muito triste, eu tinha 14 anos.” (Girassol).

Outras percepções negativas surgiram tais como a não aceitação/rejeição da gravidez levando ao pensamento de interrompê-la e à mudança na autoimagem: “Aí, tá... fiquei desesperada pensando que ele não queria (...) Eu tomei dois e injetei dois, aí quando foi lá umas 7 horas da noite o meu bebê saiu (...)” (Margarida). “Fiquei desesperada e logo pensei em tirar, mas ele falou que não queria que eu tirasse.” (Acácia). “É ruim, não é uma sensação muito boa, pelo que acontece no meu corpo.” (Angélica).

b) Percepções positivas acerca da gestação na adolescência

Houve no relato de várias entrevistadas a experiência de uma ou mais gestações não serem encaradas como um fato negativo em suas vidas, mas algo que lhes trouxe contentamento, sendo essa ocorrência planejada ou não: “Já queria, a gente conversava e o meu namorado, foi mais ou menos planejado.” (Azaleia). “Fiquei alegre porque sempre gostei de criança (...) fiquei feliz, porque estava com meu marido.” (Rosa). “(...) E na segunda foi que fiquei morando com o marido! Tudo bem, ele trabalha e tal. Na primeira fiquei com medo, mas na segunda já foi normal.” (Amarilis)

Outro aspecto considerado como positivo nos depoimentos das adolescentes foi o fato de serem mães, agora, planejando um futuro em que o propósito maior é manter a família e o bem estar do(s) filho(s): “Desejo trabalhar quando ele estiver grandinho, porque ainda estou estudando, aí quando terminar meus estudos eu vou trabalhar.” (Girassol). “Ah...vou terminar meus estudos, ter um bom emprego pra dar boa vida pro filho.” (Flor de Lis). “Me casar e cuidar dos meus filhos.” (Acácia)

c) Apoio familiar e do parceiro no contexto da gestação na adolescência

Ao serem questionadas se, quando estavam grávidas, houve alguma mudança na relação com a família e/ou

companheiro, uma parcela respondeu que teve apoio de ambos tanto na gestação quanto no cuidado com o bebê: “Minha mãe me apoiou, conversou comigo. Se tivesse tido bebê era minha mãe que ia ajudar, ela é tudo, tanto que ela está aqui do meu lado, minha mãe e meu esposo eles são tudo.” (Rosa - sofreu aborto espontâneo). “Foi bem alegre, todo mundo gostou. Até hoje todo mundo gosta, a mamãe, ele, a mãe dele, toda a família.” (Girassol). “Quando nasceu minha mãe ajudava, minha avó, minhas tias, aí depois que passei meu resguardo quem passou a ajudar mesmo foi a avó e o avô, a tia.” (Violeta).

A gravidez, para algumas adolescentes, não foi reconhecida como positiva em suas vidas, mas como sinônimo de rejeição da família e do namorado: “Não quis abortar, minha mãe que me fez abortar, porque era primeira gravidez e não sabia das coisas e pensei que era remédio pra neném, aí tomei. Tinha 13 anos quando engravidei pela primeira vez.” (Amarilis); “Não sei

como falar, porque papai ficou sem falar comigo.” (Azaleia). “Ele ficou feliz e quis muito o bebê, já minha mãe, hum... ela mandou eu sair de casa e ir morar com ele.” (Acácia).

d) Acesso à orientação: a atuação do profissional de saúde

Para a maioria das entrevistadas, as informações que recebiam dos profissionais de saúde sobre saúde sexual e reprodutiva eram sucintas; algumas não lembravam das orientações recebidas ou, se lembravam, eram referentes ao intervalo de gestações e quanto aos cuidados do bebê: “Perguntaram quantas vezes o bebê tinha que mamar, se ele tinha que parar de mamar logo, perguntaram muitas coisas lá.” (Centáurea). “A psicóloga conversou comigo, falou que era muito jovem, se eu engravidasse de novo perderia de novo, que meu útero era muito infantil.” (Lírio). “Não tinha tido nenhuma palestra na escola falando sobre isso. Também faço acompanhamento na unidade de saúde, mas era difícil ter palestra, muito difícil e na consulta não conversavam comigo sobre esse assunto.” (Flor de Lis).

DISCUSSÃO

Sentimentos como desespero, choque, tristeza e medo foram comuns na maioria das adolescentes. O que chamou atenção nas falas foi que, mesmo com percepção negativa

“A gravidez, para algumas adolescentes, não foi reconhecida como positiva em suas vidas, mas como sinônimo de rejeição da família e do namorado”

na primeira gravidez, tal impacto não foi um fator capaz de impedir a repetição da situação.

Quando as adolescentes engravidam de novo, elas se confrontam com o desconhecido e as mudanças psicológicas se tornam mais intensas, podendo relatar surpresa, medo, tristeza, indiferença, sofrimento, conforme observou-se em outros estudos.⁽⁴⁻⁶⁾

Ainda quanto à percepção negativa, foi evidenciado o pensamento de interromper a gravidez, o qual em alguns casos foi concretizado. Foram vários os motivos para justificar o aborto: medo de não ter o apoio do parceiro, não aceitação/rejeição da gravidez e desespero. Uma situação que é comum entre as adolescentes, no momento que descobrem a gravidez, é tentar fugir da realidade, negando, rejeitando e buscando outros meios para impedir sua continuidade e, quando o aborto é realizado, pode vir acompanhado de culpa, deixando marcas e repercussões no equilíbrio emocional.^(6,7)

A modificação da autoimagem também foi relatada por algumas como algo negativo, pois o meio sociocultural e os conflitos inerentes à idade levam à valorização da imagem e o que foge ao “normal” torna-se um entrave no “bem-estar consigo mesmo”; em outra pesquisa, algumas adolescentes referiram-se a um novo corpo que estava feio.⁽⁸⁾

No período gestacional e pós-parto, o corpo da mulher passa, em um curto espaço de tempo, por mudanças, o que requer um processo de adaptação, havendo conflito entre a imagem corporal atual e o corpo idealizado, gerando distorções da autoestima.⁽⁹⁾

Outras adolescentes tiveram percepção positiva da gravidez, encarando sua precocidade como bem-vinda; as entrevistadas atribuíram sua reação por gostar de criança, de ter tido o apoio da família e do companheiro. Estudo semelhante mostrou que as adolescentes percebem a gravidez como uma autorealização, vontade de “ter filho”, gostar de crianças. O apoio familiar e do companheiro contribuem de forma significativa nessa aceitação, ajudando a superar dificuldades trazidas pela maternidade.⁽¹⁰⁾

Outro aspecto positivo da precocidade da maternidade foi o fato de ter vindo acompanhada da responsabilidade, de apresentarem uma perspectiva de vida para o futuro, como o desejo de terminar os estudos e de conseguir um

bom emprego para melhorar suas vidas, assim como as que desejavam casar-se e cuidar da nova família. Segundo alguns autores, deve-se considerar que a maternidade nessa faixa etária pode vir a ser um fator que “reforça a construção de um projeto de ascensão social para essas jovens”, alcançando metas já preestabelecidas por elas para garantir o futuro dos filhos e com isso venham a impulsionar suas vidas.⁽⁸⁻¹¹⁾

Quando a adolescente se vê diante de uma gravidez, sendo essa recorrente ou não, necessita de apoio moral e afetivo, apoio esse que nem sempre tem. As entrevistadas relataram a não aceitação da gravidez por parte da família, onde mães as expulsaram de casa, pais que lhe deixaram de falar, mãe que forçou o aborto da filha e a não aceitação da gravidez por parte do namorado.

A gravidez prematura pode trazer o desamparo social com o abandono da família e companheiro. As respostas da família à gravidez podem ser: sentimento de revolta, abandono e

não aceitação do “inevitável”. A rejeição da gravidez pode levar a família a expulsar a adolescente de casa, induzir ou forçar o aborto e impor responsabilidades, exigindo o casamento com o pai do bebê.^(12,13)

Houve aquelas que não tiveram a compreensão da própria família, mas tiveram o acolhimento da família do companheiro, identificado também em outros estudos, onde as adolescentes foram morar com seus companheiros em cômodos anexos aos da família deles, mantendo vínculos justapostos de filhos e pais.⁽¹²⁾

Quanto ao acesso à orientação, identificou-se a precariedade de orientações às adolescentes antes, durante e no intervalo entre as gestações. Esse é um cenário vivido por grande parte das adolescentes gestantes, o que denuncia a negligência dos profissionais de saúde e educadores escolares.

No ambiente hospitalar, as adolescentes relataram que foram orientadas quanto aos cuidados com o bebê, a não ter filhos no prazo de dois anos, mas nas consultas não era falado sobre o assunto. Esses relatos levam à reflexão acerca da orientação, parte fundamental da atuação do enfermeiro, deixando dúvidas se ocorreu a orientação de forma não clara, ou se simplesmente não ocorreu.

O atendimento ao adolescente pede dedicação,

“Outras adolescentes tiveram percepção positiva da gravidez, encarando sua precocidade como bem-vinda”

disponibilidade e criatividade do profissional da saúde, os serviços devem ser acessíveis, acolhedores e competentes para apreender a atenção dos adolescentes; quanto mais esse participar de programas de orientação sexual e conversar sobre o assunto, melhores serão os resultados, em termos de adesão às medidas de proteção e de prevenção de gravidez precoce.^(12,14)

Como limitação do estudo foi o fato das adolescentes não comparecerem acompanhadas de responsáveis na unidade de saúde. Assim, algumas foram excluídas da população, pois não havia responsável para aceitar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as adolescentes grávidas reincidentes manifestam percepção do vivido como: percepção negativa frente à gravidez por não ter sido planejada, por ter interrompido e/ou postergado os seus planos pessoais, pela gestação inoportuna trazer consigo frustração e medo e por não gostar do novo corpo; a reincidência da gravidez foi

percebida como ocorrência acidental e sem boa aceitação; falas unânimes de deficiência de informação sobre gravidez na adolescência, relatando informações superficiais e até mesmo nenhuma orientação sobre o assunto no contato com profissionais de saúde.

Tais constatações têm implicações diretas aos profissionais de saúde, principalmente para o enfermeiro que no seu atendimento deve desenvolver estratégias tecnológicas educacionais para orientar as adolescentes gestantes reincidentes, seja na atenção básica, ambulatorial e maternidade. São necessárias enfáticas orientações nas consultas do pré-natal e na alta hospitalar sobre importância da consulta puerperal para a continuidade do cuidado e ter informações acerca de métodos contraceptivos na prevenção de gestações; nas consultas, ainda certificar-se se o que foi dito foi compreendido, fazendo perguntas e uma retrospectiva dos pontos mais importantes. Propõe-se, entre outros esforços, a inclusão de enfermeiros escolares na educação em saúde praticada nesses ambientes, envolvendo o corpo discente, docente e pais dos alunos.

REFERÊNCIAS

1. Nascimento LB. A Criminalidade na Adolescência e os Fatores de Ressocialização. Caruaru. TCC [Bacharel em Direito] - Associação Caruaruense do Ensino Superior - Faculdade ASCES; 2016.
2. Pina DASB. Gravidez na Adolescência e Evasão Escolar: Estudo de Caso - Escola Secundária na Cidade da Praia. Cabo Verde. Dissertação [Mestrado em Saúde Pública] - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Botucatu e Universidade de Cabo Verde; 2014.
3. Nery IS, Mendonça RCM, Gomes IS, Fernandes ACN, Oliveira DC. Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, PI, Brasil. Rev. bras. enferm. 2011; 64(1): 31-7.
4. Lima NRB, Nascimento EGC, Alchieri JC. História de vida da mulher: qual a verdadeira repercussão da gravidez na adolescência? Adolesc. Saude, 2015; 12(1): 57- 65.
5. Souza AXA, Nóbrega SM, Coutinho MPL. Representações Sociais De Adolescentes Grávidas Sobre A Gravidez Na Adolescência. Psicol. soc. (Online) 2012; 24(3): 588-96.
6. Kudlowicz S, Kafrouni R. Gravidez na Adolescência e Construção de um Projeto de Vida. Psico, 2014 45(2): 228-38.
7. Correia DS, Cavalcante JC, Egito EST, Maia EMC. Prática do abortamento entre adolescentes: um estudo em dez escolas de Maceió (AL, Brasil). Ciênc. saúde colet., 2011. 16(5):2469-76.
8. Spindola T, Ribeiro KS, Fonte VRF. A vivência da gravidez na adolescência: contribuições para a enfermagem obstétrica. Adolesc. Saude, 2015; 12(1):50-6.
9. Alves A, Albino AT, Zampiere MFM. Um Olhar das Adolescentes sobre as Mudanças na Gravidez: Promovendo à Saúde Mental na Atenção Básica. REME - Rev Min Enferm. 2011; 15(4): 545-55.
10. Barreto MMM, Gomes AMT, Oliveira DC, Marques SC, Peres EM. Representação Social da Gravidez na Adolescência para Adolescentes Grávidas. Rev Rene, 2011 12(2):384-92.
11. Bernardo LAS, Monteiro NRO. Problemas emocionais e de comportamento em adolescentes grávidas. PsicolArgum. 2015 33(81):298-313.
12. Lima CTB, et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. Rev. bras. saúde matern. infant. 2004 4(1):71-83.
13. Leite MP, Bohry S. Conflitos relacionados à Gravidez na Adolescência e a Importância do Apoio Familiar. Revista de Psicologia. 2012; 15(23):113-28.
14. Patias ND, Gabriel MR, Dias ACG. A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. Estud. pesqui. psicol., 2013. 13(2): 586-610.